

FORÇAS ACAUTELADAS: IMPREVISIBILIDADES ASSIMÉTRICAS ATUAIS*

*Maria Helena de Amorim Wesley***



Rio de Janeiro – Outubro de 2014

*BRASIL BRASILEIRO (<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>). Rio de Janeiro – Outubro/2014
**Doctor Ph.D. International Relations.

SUMÁRIO

	p.
RESUMO	02
I – INTRODUÇÃO	03
II – DESDOBRAMENTOS DA GUERRA IRREGULAR:	07
2.1 – Conflitos Assimétricos Urbanos e Rurais	11
<i>2.1.1 - Tipologias subversivas</i>	15
2.2 – As várias Faces do Terror: Atentados, Imigração	18
<i>2.2.1 – O silêncio assimétrico: Ameaças Biológicas e Cibernéticas</i>	20
III - SEGURANÇA E AMEAÇAS TRANSNACIONAIS	21
3.1 – Fragilização do Estado:	22
<i>3.1.1 – A civilização e as empresas militares privadas</i>	23
<i>3.1.2 – O terrorismo transnacional</i>	24
<i>3.1.3- A Atuação e a Transformação Militar em Andamento</i>	25
3.2 – Infortúnios Diplomáticos	26
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

RESUMO

Este espaço almeja apresentar breves cogitações sobre a natureza das guerras e dos conflitos no século XXI embutidos nas manifestações e protestos recentes na sociedade brasileira e o procedimento das suas Forças Armadas, ambas marcadas pelos avanços da tecnologia, ponderando que ao Brasil deveria interessar aprimorar a edificação estratégica de potência regional e ator mundial - constituindo-se em um pólo nas relações internacionais - o que exige o desenvolvimento de um pensamento próprio de Defesa atento ao que se passa no mundo, mas *essencialmente brasileiro* em sua elaboração, talhado sob medida às nossas aptidões, interesses e motivações, sem o servilismo de movimentos impróprios a gosto de conceitos de ideários desenvolvidos para atender precisões de Defesa que não são nossas. Acredita-se, assim, colaborar na área da avaliação

hodierna dos conflitos e dos seus limites, tentando identificar a importância dos embates assimétricos nos estudos sobre Segurança Nacional buscando identificar outras dimensões essenciais das ações assimétricas, nomeadamente a sua relação com a cibernética, entre outros aspectos culturais que ajudem a compreender as dinâmicas armadas da atualidade.

Palavras chave: insegurança transnacional - guerra irregular - Defesa

I – INTRODUÇÃO

A magnitude dos problemas e conflitos atuais sugere pressagiar a ruína de parte das sociedades ajuizadas na revolução cultural desordenada sob o manto da incompreensão às heterogeneidades advertindo que o âmbito *ideológico-cultural* caminhou vagorosamente se comparado à celeridade tecnológica *criando* ou *aprofundando* descompassos e assimetrias visíveis em frustrações e angústias diante da inutilidade dos esforços empregados. Certamente sentimentos semelhantes acometeram os que se viram envolvidos nas revoluções tecnológicas passadas, como a da Irrigação e a Revolução Industrial.

Atualmente apesar das novas técnicas e meios comunicativos que permitem melhor apreensão do que ocorre, a desvantagem de integrar as situações a analisar ocasionam o temor em desvendar a inverossimilhança das crenças e dos sistemas políticos que aliados às pressões existentes no campo das Ciências Humanas, encaminha para o exame reticente da realidade disseminada pela *globalização* que vem sendo reduzida a pedaços, demolida pelas *diversidades e especificidades culturais* que jamais serão suplantadas e cuja imposição sempre resulta no aumento incontrolável de guerras e dos conflitos até que se consiga adequar a sociedade às consequências da evolução tecnológica amenizando os descompassos e assimetrias (WESLEY, 2013).

Diante da cominação de uma *nova ordem mundial*¹ que pode encobrir - no intuir desta autora - o eterno objetivo de substituir a autodeterminação nacional pelo domínio da nata do mundo financeiro e técnico o Brasil tem – mais do que nunca - o compromisso se preocupar com o aprimoramento estratégico de sua estrutura como potência regional e ator mundial, estabelecendo-se como um pólo nas relações

¹ Em um jantar com embaixadores da ONU David Rockefeller declarou, "*Estamos à beira de uma transformação global. Tudo o que precisamos é uma grande crise e as nações aceitarão a Nova Ordem Mundial.*"

internacionais. Entretanto, isso requer o desenvolvimento de um pensamento próprio de Defesa atento ao que se passa no mundo, mas *essencialmente brasileiro* em sua elaboração, talhado sob medida às nossas aptidões, interesses e motivações. Sem servilismo, sem movimentos impróprios inclinados à cobiça de conceitos e ideários desenvolvidos para atender necessidades de defesa que não são as do Brasil.

Em que pese à importância das análises da Escola de Copenhague há que se observar a centralização e aplicabilidade desses estudos para a Europa onde seus principais representantes Barry Buzan e Olef Waever reconstróem conceitos sobre Segurança através *insights* sociológicos construtivistas e realistas fazendo uma análise do período histórico e das idas e vindas teóricas do grupo que compõe a Escola².

Balizando a atenção ao Estado Brasileiro e procurando manter a coerência com escritos anteriores, buscar-se-á manter parcimônia no uso de expressões acadêmicas atualmente abraçadas por considerar que as mesmas recomendam interpretações arrogadas por estrangeiros em especial quando se referem à Segurança e Soberania encobrando, supõe-se, certa deformidade decomposta do sentido de Segurança que passa a ser apreendido como *exceção, restrição*, seguindo e adotando a análise da *teoria de securitização* (SCHMITT, 1992) não correspondendo à realidade brasileira nem a sua formação sociocultural o que reforça o objetivo deste escrito na busca de apreender o crucial cenário, recorrendo, obviamente à gênese histórica e adotando a advertência quando:

“Em nome da atualização de concepções, procurou-se em alguns casos modificar radicalmente ou até abandonar por completo muitas delas. Às vezes podem-se perceber sutis ou mal-disfarçadas intenções na propugnação de alterações profundas, como ocorreu, por exemplo, com a concepção de Soberania Nacional.” (CÔRTEZ, 2000).

Ao se buscar na História as marcas indelévels do passado que constituíram a atual sociedade brasileira se constata de modo insofismável que o primeiro e mais sério inimigo do Brasil parece ser a velha estrutura oligárquica e burocrática secularmente incrustada no Estado. Ainda que o sistema de Capitãias Hereditárias tenha sido abolido pelo Marquês de Pombal em 1759 a arcaica estrutura política persiste no Brasil do século XXI.

² São responsáveis pelos conceitos de Securitização, Dessecuritização, Macrossecuritização, Constelações, Complexos Regionais de Segurança, objetos referentes e ator securitizador.

Extintas há mais de duzentos anos o espólio cultural deixado pelas Capitânicas Hereditárias que vigoraram nos séculos XVI ao XVIII deixaram marcas inapagáveis na Cultura Brasileira que seguem sendo acoimadas pela inserção cultural do apreço à regalia. E esse costume se reflete nas instituições, sempre revitalizado com outras roupagens, seja pela sedução burocrática, seja pela veneração a privilégios que via de regra permeia os regulamentos vigentes, principalmente, na esfera pública.

Os sinais claros de que ainda se padece desses vícios, nitidamente antidemocráticos, repousam em propostas de leis que tramitam ou foram aprovadas no Legislativo federal e em outras instâncias de poder e se disseminam em exemplos entranhados no cotidiano³ contrariando uma sociedade que se deseja alinhada com os princípios democráticos universalmente consagrados revelando práticas patrimonialistas e populistas que tantos aspiram abolir da vida nacional. Para os legisladores e políticos brasileiros são princípios descartáveis, conduta facilmente manifesta na persistente prática do populismo como forma de exercício do poder perenizando valores abjetos e defasados responsáveis em grande parte pela atual instabilidade e violência que abalam o país.

Mas assim como não é dado aos que partem voltarem não há como trocar o presente pelo passado a fim de atenuar as inseguranças peculiares do futuro onde a única certeza será o crescimento de ações inesperadas, constantes como o fluir da História, e a variedade dos cenários e dos homens que fazem da guerra eternamente uma questão de poder.

O século atual prosseguirá testemunhando guerras geradas por distorções de relações de forças entre *atores não estatais* e o Estado, vivenciadas nas guerras irregulares e em ambiente revolucionário, sem regras, sem princípios, sem frente ou retaguarda, onde os fins são efêmeros e cuja concepção própria que a legitima é a do seu exercício.

As profundas transformações que sobrevieram após a queda do Muro de Berlim e especialmente após a tragédia das Torres Gêmeas, desfazendo o equilíbrio do terror da hecatombe nuclear, marcam a complexidade do sistema internacional hodierno de intensa instabilidade repleta de riscos e ameaças atribuindo à comunidade mundial a importância de atores que se valem da força como instrumento nas relações internacionais e estabelecem a convulsão global

³ Vários são os exemplos de legislações infectadas dessa verdadeira cultura de privilégios e atraso: a lei que aprova o direito hereditário de posse de licenças de táxis para filhos, viúva e familiares do proprietário da licença ou do direito de monopólio de quiosques e assemelhados, prática comum na Capital Federal.

contemporânea, marcada pela bestialidade de constantes confrontos assimétricos impugnando o papel do Estado Soberano ao sinalizar a flexibilização do conceito de fronteira, na aceitação de casos de múltiplas cidadanias e na proposição de governo partilhado (TELO, 2002).

Perante esse cenário a exteriorização da Segurança Interna constitui um fato crucial na política externa nacional, visto que as missões militares da ONU, as missões com caráter político de Segurança e Defesa, a cooperação militar e processual na área de justiça em assuntos internos, e a colaboração entre os países latinos americanos conformam atualmente peças decisivas para a vigilância e repressão da criminalidade organizada, do terrorismo, e, igualmente, para a capacitação dos sistemas judiciários e da segurança interna dos países em situação de crise ou de pós-conflito.

O arrefecimento das guerras entre Estados após 1945 provocou o surgimento das várias ações infra-estatais com objetivos e lógicas indefinidos e conquanto algumas vezes indique uma luta pela sobrevivência⁴ se diferenciam em alguns pontos das guerras a partir daquele século (regulares ou irregulares) passando a ser registradas como *novas ameaças* graças ao impulso na revolução militar baseada nos avanços da tecnologia embora os desequilíbrios qualitativos e quantitativos possam patrocinar o aparecimento de *empresas militares privadas* acenando, supõe-se, como uma das formas de intervenção responsável pelo enfraquecimento da concepção de Estado.

Os combates teatrais, com alta tecnologia e que têm por base um novo tipo de Forças Armadas, de alta tecnologia (com abundante emprego do ambiente como a quarta dimensão da guerra) tem nas empresas civis desvinculadas do Estado o estímulo a *civilinização*, instituindo, no entender desta autora, um retrocesso peculiar quando se analisa que os Centros de Poder mundial reforçam, atualizam, adaptam e reequipam cada vez mais suas tropas *cerrando fileiras* na conservação e proteção de suas fronteiras físicas, resguardando e protegendo sua população, sua economia e seus territórios, imunizando o Estado através do fortalecimento de sua Segurança e de sua Defesa apoiados nas suas Forças Armadas e sua Diplomacia sem **jamais** cogitar de *compartilhar* sua Soberania ou escancarar suas fronteiras, quer as físicas, quer as cibernéticas. Buscam sempre ajustar sua sociedade e sua cultura ao novo

⁴ Os Estados podem entrar em guerra contra uma rede terrorista, uma milícia, um movimento independentista, um exército rebelde ou ainda contra o crime organizado. As guerras irregulares podem também ocorrer entre dois ou mais grupos organizados, sem a participação de nenhum Estado.

arquétipo de comunicação e das relações resultantes sem abrir mão da importância dos princípios histórico e culturais que regem a evolução humana há cinco milênios e que distinguem o homem dos outros animais salvando-o de caminhar jubilosamente para um padrão de atividades e comportamentos próximo do das formigas.

Poucas universidades brasileiras dispõem em seus cursos de Ciências Sociais ou Humanas de especialistas para o estudo de culturas externas ao país, restringindo-se as academias e instituições militares⁵. E os combates irregulares e assimétricos passam mais pelo conhecimento do outro do que propriamente das táticas uma vez que estas sem aqueles implicam em perda de tempo com conseqüências nefastas.

II – DESDOBRAMENTOS DA GUERRA IRREGULAR

Embora os termos conflito, estratégia, riscos e mesmo guerra, qualificados pelo adjetivo *assimétrico* sejam utilizados amplamente e de forma generalizada para tentar descrever desde ataques de *hackers* até ao uso de meios militares e não-militares, a definição de *guerra assimétrica* permanece ainda confusa sugerindo *a priori* o desequilíbrio extremado de forças. Para o mais forte, a guerra assimétrica é entendida como forma ilegítima de violência, sobretudo quando voltada a danos civis. Para o mais fraco, é a forma de combate, de libertação com tomada de poder.

A complexa natureza das guerras ou *conflitos não-convencionais* desafiando a lógica e os princípios dos conflitos tradicionais estendem uma cizânia que vai desde a nomenclatura até a dificuldade em definir um vencedor.

Em 1950 na primeira aceção oficial aos aspectos desta ação (operações clandestinas do inimigo, apresado ou em território dominado) foram definidas em regra, como *guerra de guerrilha*.

Todavia, o significado de *guerra não convencional* evoluiu com o tempo. O conflito militar formal, foi substituído por uma série de *guerras irregulares*: terrorismo, guerrilha, subversão, insurgência, movimentos de resistência e conflitos assimétricos em geral.

⁵ A maioria dos cidadãos e até mesmo os líderes eleitos têm a visão limitada do mundo e usualmente são assaz insensíveis aos valores culturais que motivam os indivíduos de outros países ou regiões o que resulta mormente em uma visão estereotipada.

A constância da *guerra irregular* nas primeiras décadas do século XX centraliza o foco de analistas militares e políticos que ajuízam este tipo de luta como prevaiente sobre os modos habituais de beligerância, pois, mesmo que venha a atenuar será sempre a forma popular de combate disponível mais aplicada resultando e instituindo os desafios de caráter estratégico responsável pelas mudanças do pensamento militar.

A urgência de potencializar a competência das forças (diminuindo as necessidades de defesa estática), tornou-as expedicionárias, modulares e flexíveis, para dar resposta a operações em qualquer lugar gerindo um novo modelo de defesa cuja metodologia de planejamento ajusta capacidades centradas em rede que visam orientar as operações futuras baseadas em efeitos. O desgaste da guerra convencional dá lugar ao aproveitamento preciso da força, tendo como alvo a subordinação e alteração da performance como revide ao instável contexto estratégico que envolve um aproveitamento integrado de todos os instrumentos de poder.

Caracterizada como uma ação irregular a assimetria em geral detém a superioridade do movimento e coloca em xeque o ataque potente e o poder de fogo do inimigo (HEYDTE,1990) diversificando e ampliando seu desempenho, notadamente após o 11 de Setembro de 2001, quando assenta o fato de que:

“[...] independentemente do lugar onde se encontrem, a generalidade das pessoas passou a incluir no seu cotidiano, o terror, a imprevisibilidade e a incerteza, inflacionados pela presença midiática constante e obsessiva, em sociedades cada vez mais excêntricas, complexas e vulneráveis” (WESLEY, 2014, p. 12).

Cabe considerar que nas *guerras irregulares* e nas *guerras assimétricas* inexistem frentes de batalha e retaguarda, os espaços não são mantidos nem ocupados e quando contaminados exigem a presença do adversário. Em ambas a *mobilidade* é mais relevante do que o poder de fogo. Porém, é indispensável observar que a *guerra irregular* se realiza no espaço/ambiente extenso e a *guerra assimétrica* ocorre em espaço indefinido (HOFFMAN, 2007). Em ambas o objetivo fundamental se centra na imobilidade funcional do adversário, extenuando-o, esgotando-o internamente, exaurindo-o física e psicologicamente até torná-lo inapto, sem anseio político o que na guerra é o início do sucesso.

No conceito clássico de Clausewitz (1976) as três tendências da guerra assinaladas - *violência, ódio e força* - são encontradas duas ações básicas: *ataque* e

defesa. Ambos passam pelo fato de *fricção* e pelo *ponto culminante* do uso de suas forças, e mesmo com especificidades variadas como as forças móveis e imóveis e as interrupções, a ação teria sempre um caráter político que define o uso estratégico da guerra.

A evolução de um modelo essencialmente *clauswitziano*⁶ para um modelo de guerra irregular, global, assimétrica e permanente, sem uma origem clara e que pode surgir em qualquer lugar expõem as transformações dos conflitos armados assinalando basais ameaças à Segurança, e, conseqüentemente, a Soberania.

No atual campo de batalha cada vez mais ocupado pelo confronto da tolerância *cosmopolita* (adeptos dos predicados da recente complexidade cultural), com o radicalismo dos *fundamentalistas* que se sob o resguardo de uma tradição, geralmente alicerçada na violência contumaz (quer se trate de religião, de identidade étnica ou de nacionalismo) consideram a revolução cultural intrigante e ameaçadora.

A tendência do aumento da pressão na autoridade do Estado Soberano revelada pelo cenário internacional certamente procede da incapacidade em responder aos apelos e pretensões sociais e as aspirações de justiça, gerando, assim, tensões e novos anseios. A diminuição do poder do Estado também se deve ao crescente número de atores *não territoriais* e *transnacionais*, com méritos e objetivos próprios que potencializam as relações horizontais, cada vez mais confusas e vácuas de hierarquia, dinamizadas e escoradas em *organizações transnacionais não-governamentais*, e, embora essas relações influenciem positivamente o incremento econômico, as trocas financeiras, comerciais, culturais e de informação, colaborando para o desenvolvimento e bem-estar, igualmente patrocinam organizações espúrias que contribuem densamente para o aumento da insegurança.

As alterações na área da Segurança e da Defesa impregnadas de incertezas resultantes da aceleração do tempo e da onipresença espacial pesam na condução no planejamento do futuro que alentado pela *mídia* e pela opinião pública, se focam no breve termo marcando muitas vezes as decisões são adotadas sem dispor de elementos suficientes para um diagnóstico completo onde as atitudes adotadas (em função de critérios inconstantes e desiguais), principalmente em situações de crise, resultam em ações fracionadas, imediatistas, reativas limitadas pela urgência.

⁶ As guerras geralmente são classificadas como *convencionais* ou regulares (conforme o modelo *clauswitziano*) e *irregulares* (sem envolvimento das Forças Armadas num campo de combate e sem recorrer a operações tradicionais).

A indispensável reflexão sobre o amanhã capaz de romper a hesitação ante o futuro se petrifica na ausência de uma abordagem da História e da Cultura, dificultando e até mesmo obstruindo a percepção de convergências que comportem a elaboração de projetos e a prática de estratégias que facultem uma ação onde a incerteza não se apresente como sina e o advento cibernético não seja considerado como óbice, uma vez que este institui um dos alicerces do porvir e o meio de conhecimento crescente que permite abordá-lo.

Cabe lembrar que a distinção entre *guerra irregular*, como a guerra do espaço amplo e *guerra assimétrica*, como guerra do espaço ilimitado, ambas podem apresentar características similares: 1) pela não existência de frentes de combate; 2) inexistência de retaguarda; 3) a mobilidade é mais importante que o poder de fogo; 4) o espaço não é mantido, nem ocupado e; 5) o espaço é contaminado e exige a presença do adversário.

Nas guerras ou nos conflitos atuais os grupos conhecidos como *manifestantes*, *terroristas*, *guerrilheiros*, *criminosos* ou *golpistas*, em geral são formados sob uma liderança carismática cuja fidelidade fanático-ideológica passa ao largo das organizações institucionais, impõe a atenção redobrada por parte das Forças Armadas quando requeridas para atuar em regiões onde as variáveis culturais são significativas e onde o planejamento e as análises para as operações devem evitar infringir as normas culturais sob pena de desgaste da legalidade e confiabilidade.

Entretanto a cegueira ideológica atual insiste em nada aprender com o passado repetindo os mesmos erros não só pelo fato de ignorar a História, mas também por não reconhecer as profundas transformações produzidas pelos avanços da tecnologia em todos os recantos do sistema cultural. Do nascimento até a morte, do privado ao público, o mundo se encontra em plena mutação no processo de absorção da estrutura cibernética. Como já foi assinalado, não basta possuir um celular ou qualquer instrumento assemelhado de comunicação ou informação. Nada *substitui o conteúdo do processo de construção do conhecimento*. Nem tão pouco todos os que têm acesso a esses meios terão passaporte para sair da exclusão que permanecerá e provavelmente aumentará diante do incentivo ao consumismo e uso descomedido da internet gerando intensa frustração o que certamente contribui para a revolta e violência (WESLEY, 2013)

O reconhecimento da importância dos valores culturais e das recentes modificações ocorridas nos conflitos assimétricos hodiernos adquire importância acentuada diante da velocidade das alterações geradas pelo ímpeto cibernético incidindo fortemente no resultado em quase todas as operações (WESLEY, 2014).

Apreender a cultura e os costumes do ambiente operacional pode seguramente favorecer relações de parceria ou aliança. Intuir o viés cultural e simultaneamente laborar para expandir e envolver o TO certamente influenciará no resultado da missão.

2.1 – Conflitos Assimétricos Urbanos e Rurais

Apesar de a globalização ser uma realidade que, definitivamente, colabora para o desenvolvimento, permitindo a avanço nas condições de bem-estar, não se pode subestimar os aspectos contrários, entendidos como *novas ameaças*, ínsitos nas possibilidades disponíveis a todos por uma sociedade em rede.

As ameaças e perigos dos conflitos assimétricos para a Segurança caracterizados pela imprevisibilidade de um sistema global e heterogêneo, invalidam em grande parte a *estratégia da dissuasão* face às ameaças de ataques - a exemplo do 11 de Setembro de 2001 - esgotando as táticas clássicas usadas na Guerra Fria (confronto entre os *blocos militares* e o *equilíbrio do poder*) onde as intimidações (consideradas agressões) eram manifestas e era presumível definir com certa objetividade as mais plausíveis e as mais graves⁷ (CLAUSEWITZ, 1976).

O horizonte do niilismo que parece envolver o mundo onde as nações soçobram e os povos agonizam, obriga a filiar a presente regressão política e social que aflige todos os países a fatores diversos e prévios às posições políticas internas ou à demência do bolivarianismo como um programa para toda a América Latina e que busca sua implantação no Brasil através do Decreto 8.243/14.

Sua concepção, assim como a ideologia bolivariana, corresponde a emanções bastardas da nova visão de mundo que prevalece na aridez intolerável a que Max Weber referiu como *desencantamento do mundo* resultante da extremada

⁷ Para Clausewitz o comportamento do Estado é motivado pela sua necessidade em sobreviver e prosperar. Para salvaguardar os seus interesses o Estado deve optar racionalmente pelo recurso à guerra, não existe nenhuma outra justificação para tal. A *guerra ilimitada*, no entanto, é um erro grosseiro, pois não serve ao interesse nacional, podendo por em causa a própria sobrevivência do Estado.

* Optou-se pelo termo *cibernético* para ser mais preciso e constituir uma realidade *imaterial*, contrário ao termo *virtual* que remete a *ilusório, imaginário ou irreal*.

racionalização em detrimento da relação com o mito e a sacralidade das coisas (WEBER, 1982).

Povo e Nação, como realidades básicas da política moderna são essencialmente institutos de caráter *cultural*. Em outros termos, é na Cultura que se forja e funda no Brasil, seu povo e sua nação.

Na origem do incoerente Decreto 8.243/14 o fator decisivo foi o assombro do governo com as manifestações de junho de 2013. A urgência em dar uma resposta ao inesperado e alarmante levante popular e que em seu Artigo 2 estabelece o perfil do povo como “**Sociedade Civil – o cidadão, os coletivos, os movimentos sociais institucionalizados ou não institucionalizados, suas redes e suas organizações.**” cuja descrição é fruto da visão peculiar ora dominante, onde “O cidadão, os coletivos, os movimentos sociais, etc.” são subdivisões de uma realidade prévia e inteiriça.

Não se trata de ir *ao encontro* do povo, para somar com ele, e sim ir *de encontro* ao povo e roubar-lhe o protagonismo, rebaixando-o ao papel simples figurante⁸.

Independente de ambições políticas externas de agressão as ameaças e os desequilíbrios resultantes dos conflitos assimétricos contidos nas manifestações e protestos mais recentes já sinalizam o comprometimento do Estado Brasileiro e ameaçam a Segurança Interna demandando um esboço preliminar na tentativa de estabelecer a tipologia das ameaças de forma mais objetiva como segue (Quadro 1), assinalando que as *manifestações* geralmente descambam para a violência recorrendo a agressões físicas, ataques e depredações, enquanto os *protestos* se caracterizam por reunir categorias profissionais ou pessoas insatisfeitas com a desvalorização, desqualificação, esvaziamento de valores e instituições convencionais e abusos praticados contra moradores das favelas e periferias dos centros urbanos.

Os *manifestantes* que se auto intitulam **ativistas** se diferenciam dos demais por adotarem com freqüência as auto-definições líricas ou estrangeiras - *guerreiros da liberdade* ou do *povo brasileiro, revolucionários, combatentes da resistência, rebeldes, black blocks* - como forma de serem aceitos pela população e diferenciando-se dos opositores que os identificam como *marginais, delinqüentes,*

⁸ O texto deste Decreto é de leitura penosa e torturante, desdobra-se em particularizações quase impossíveis de serem seguidas e assimiladas. Fruto de mentes insensatas, paranóicas nas minúcias intermináveis dos organismos de controle burocrático da sociedade. Não escapam à contradição que persegue toda tentativa de formular o enredo da *democracia direta* na prática cotidiana ao ignorar as instâncias do Congresso e da Justiça, rejeitando-os como complicadores da equidade democrática, para perseguir diretamente os resultados da luta política.

terroristas, bandidos, criminosos e assassinos, inimigos do Estado e foras da lei cujo uso persistente dos termos *terroristas* e *subversivos* remetem a bandos armados avaliados como insanos, violentos e perversos⁹.

CONFLITOS ASSIMÉTRICOS – Quadro 1

<p>PROTESTOS:</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de participantes variável - Geralmente apresentam caráter pacífico; - Marcam início de greves ou paralisações; - Categorias profissionais, classes sociais e representantes sociais; - Utilizam cartazes, fotos e símbolos; - Reivindicam melhorias salariais, na Saúde, na Educação; - Protestam contra alterações que esvaziam instituições consagradas (família, religião e costumes);
<p>MANIFESTAÇÕES</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Participantes numerosos; - Tendência a violência; - motivações políticas e/ou ideológicas; - Utilizam cartazes, símbolos, armas brancas, explosivos, pedras, porretes, materiais letais acessíveis líquidos (combustíveis, ácidos) e sólidos (bolinhas de gude, estiletes, seringas); - Roupas padronizadas, máscaras ou assemelhados que dificultem a identificação; - Geralmente se infiltram nos protestos.
<p>TERRORISMO PRESENCIAL ou CIBERNÉTICO</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucos ou um indivíduo; - Utilizam armas de mão, granadas, armas de assalto e armas especializadas, carros-bombas, bombas por controle remoto e/ou bombas de pressão barométrica; - Táticas especializadas: (seqüestros, raptos, assassinatos, assaltos, tomada de reféns, etc.); - Atacam símbolos do Estado, oponentes políticos e a população;

Nesses conflitos se ratifica que a força e o poder de fogo tornam-se secundários na medida em que se concretizam na mobilidade cujas táticas podem ser sintetizadas na *Infiltração, reunião, ação e dispersão*.

⁹ Esta autora discorda dessa generalização de que todos sintam anseio descomedido de sangue e violência a nível pessoal sob pena em incorrer no erro de considerar palestinos e irlandeses, por exemplo, como intrinsecamente maus e violentos.

A indiferença obscura das decisões políticas do governo pode ser o fator da insatisfação cujo subseqüente descrédito da classe política vem corroendo todas as estruturas afrontando sociedade e expondo-a a insurgências que se acentuarão caso sobrevenham os passos listados:

1 – Frouxidão ou criação de leis relacionadas à Segurança (desarmamento, pedofilia, assassinatos);

2 – O aumento do desemprego até mesmo para os trabalhadores qualificados e quando a dependência de estrangeiros pode desvirtuar o olhar para o investimento externo (passando a ser considerado como exploração estrangeira);

3 - A insegurança do sistema político gerada pelo constrangimento na impotência para mudar de forma pacífica a liderança política, potencializando ações violentas, resultantes da frustração;

4 – Insatisfação popular causada pela incapacidade do governo em diminuir o fosso entre as expectativas do povo e as suas reais condições baseando o aparecimento e aumento dos conflitos.

Diante dos elementos enumerados, conclui-se que os desequilíbrios do sistema social causadores dos conflitos assimétricos só podem ser amenizados quando se operar a *mutação social*, considerando-se que anterior à eclosão dos conflitos as tentativas de mudança, através de meios *não violentos*, foram buscadas inúmeras vezes pelo povo como forma de satisfazer suas exigências e necessidades e foram ignoradas.

Não se pode esquecer que os meios de comunicação, sob a diretriz governamental, têm uma parcela considerável no esvaziamento ou substituição veloz, abrupta e impositiva dos valores sociais influenciando, sobretudo, a parcela mais jovem da população gerando grande desconforto entre as gerações além de um imenso vazio emocional (Quadro 2).

Diante da evolução desses acontecimentos, torna-se imprescindível ao Estado o empenho constante e contínuo dos Sistemas de Informações a fim de apreender, configurar e avaliar possibilidades e intenções das ameaças e perigos sob pena de pôr em risco a Segurança Nacional e a consecução dos objetivos políticos nacionais, cientes das próprias vulnerabilidades, para poder determinar os níveis de risco para a Nação e equacionar medidas de segurança adequadas¹⁰.

¹⁰ Para as Forças Armadas, segundo informações obtidas pelo jornal O Estado de S. Paulo (31/07/2014), não foi surpresa o grande número de manifestações na Copa das Confederações, no ano passado. O que os militares não tinham dimensão era do tamanho do movimento e o quão violento seria. O Exército defende a necessidade de se prevenir com informações sobre os

CRISE DE VALORES – Quadro 2



2.1.1 - Tipologias subversivas

A base antropológica dos Protestos pode ser definida por ligações étnicas (índios, negros) das estruturas que podem ser mobilizadas com outras armadas primitivas capazes de efetuar pequenas ações (não um combate sustentado) lutando sobretudo por recursos e, formada numa estrutura tradicional, onde as decisões em geral são decisões dos mais velhos ou aqueles que exercem um papel de relevo. A sua perenidade deve-se à necessidade individual de sobrevivência. Suas forças são a manifestação da sua cultura e apresentam raros vestígios de doutrina revolucionária ou de organização em estado-maior.

No Brasil as Manifestações se distinguem dos Protestos graças a uma ideologia mais elaborada e pela união de grupos que apóiam essa ideologia, inclinando-se para uma organização armada mais consolidada. Habitualmente nascem de uma coordenação clandestina que pode evoluir e conduzir operações prolongadas (MACKINLAY, 2002).

O enfraquecimento do Estado pode e deve ser relacionado com outras ameaças, pois, não possuindo poder, fica permeável ao surgimento e aumento de variadas formas de terrorismo e de criminalidade organizada cuja combinação pode afetar ainda mais a já comprometida existência.

Cabe ainda fazer a diferença entre as ameaças de caráter *político-estratégico*, que englobam e reacendem nacionalismos reprimidos, disputas pelo controle de

movimentos para que não sejam pegos desprevenidos. Entre os objetivos está o de evitar que, caso a Força seja acionada, possa atuar proporcionalmente ao que encontrará, evitando qualquer tipo de dano colateral contra sua própria gente. Em caso de ação para garantir a lei e a ordem, de um determinado tipo de movimento, o Exército precisa conhecer o seu líder, para isolá-lo, e precisa conhecer o material que está sendo usado nas táticas de atuação.

áreas de recursos naturais importantes, das *sociopolíticas* visíveis nos recentes movimentos migratórios, fundamentalismos étnicos, religiosos, terrorismo, organizações transnacionais do crime organizado e de narcotráfico e as respectivas atividades financeiras associadas (GONÇALVES, 2002).

Recorrendo ao último evento (COPA) e ao ambiente ora reinante não há como desconsiderar o fato de que o Brasil de 1950, preponderantemente rural, principiava a sua industrialização e a conseqüente urbanização. A auto-estima nacional naqueles idos estava em alta: todos se viam miscigenados, ordeiros, despojados de preconceitos e construindo um grande país. No subconsciente coletivo a COPA daquele ano serviria para ensinar aos *gringos* como viver em harmonia, como civilizados que estavam acolhendo os bárbaros europeus. Razões que justificaram o pranto do *Maracanazo*.

O Brasil de 2014, ao contrário, é um país desarmônico, violento e cético, semelhante à Europa no pré-guerra e com a história se repetindo às avessas. Agora os europeus se juntaram e cresceram, enquanto os nativos marcham no rumo contrário, em direção ao caos, com concretos sinais de selvageria, próximo aos limites da guerra civil. Tudo é pretexto para obstruir estradas e vias urbanas, prejudicando milhares de pessoas. Queimar, depredar e saquear virou costume.

Esse preocupante cenário tendente ao predomínio de confrontos assimétricos - onde se destacam a rebelião e o terrorismo - pondera que alguns grupos armados radicais não serão persuadidos por reformas políticas o que torna inevitável o recurso à força militar em busca da capitulação e minimização das ameaças e perigos, criando a demanda de uma disponibilidade de meios imediata e eficaz o que obriga a América Latina, assim como o Brasil, *sempre precisarem de forças militares preparadas e equipadas* para os mais diversos cenários a fim de debelar as ameaças e ações contra governos instituídos (Quadro 3).

AÇÕES E AMEAÇAS CONTRA GOVERNOS INSTITUÍDOS – Quadro 3

CONFLITO	REBELIÃO	GUERRA CIVIL
- Protestos - Manifestações; Subversão - Terror (Infiltrações, Sabotagem, Desobediência Civil)	Revolta Urbana Guerrilha Golpe de Estado	Guerra localizada convencional

O conflito assimétrico vem ratificando ser a melhor arma nas lutas contra a opressão graças à receptividade das populações por oferecerem idéias que vão ao

encontro dos anseios de transformação política ou social, ainda que normalmente sirvam de base à subversão. Atualmente é cada vez maior a probabilidade de propagação de idéias (imprensa, cinema, rádio, televisão, rede eletrônica) e ampliação do bloqueio para sufocar brutalmente quaisquer manifestações contra os respectivos governos, pela repercussão mundial e pela influência na opinião pública e política interna de qualquer país.

A tendência das manifestações em transformar a crise política em conflito armado com ações violentas pode converter a situação política em situação militar levando a população a se revoltar contra o Exército e a Polícia só restando intensificar a repressão, complicando as vidas dos cidadãos, quando o terror policial se converte na ordem do dia de tal forma que a população recusará colaborar com as autoridades levando à conclusão de que a única solução será liquidar os oponentes e estabelecer o regime ou intervenção militar.

A guerrilha que já se delineia nas áreas rurais e urbanas (favelas/comunidades, invasões e assentamentos) se alimenta de um objetivo político que coincide com as aspirações e simpatia das populações a fim de obter cooperação para se firmar, infectada por ações criminosas extremas¹¹.

É indispensável observar o fato de que o soldado fardado é o verdadeiro alvo do gatilho do guerrilheiro moderno, enquanto este se camufla no meio da população. Não se pode incorrer no erro de considerar que na guerrilha exista indefinição de papéis, pois é comum guerrilheiros adotarem uma farda e uma conduta similar ao de um força militar regular (disciplina e solidariedade) assim que o movimento cresce e se firma.

Centrando a atenção ao fato de que a guerrilha se gera no ambiente político contido no sistema ideológico a luta incessante para dominar esse componente estrutural da cultura, inerente a todas as sociedades, pode definir a vitória ou a derrota. Isso provavelmente influenciou os Estados, sobretudo os colonizadores, a considerarem a guerrilha como uma fase basal das grandes guerras diante da permanência das táticas e por serem arquétipos adaptáveis com vários exemplos de sucesso e vitória, algumas vezes sem um tiro.

¹¹ Segundo o produtor rural Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da ABAG, a questão da segurança jurídica ganhou mais espaço após a constatação de que 34% do território está ocupado por áreas de preservação ou destinado a índios e quilombolas. "Nos países que disputam o mercado com o Brasil, na área de produção agrícola, o território preservado não chega a 9%", afirma.

2.2 – As várias Faces do Terror: Atentados, Imigração

Avaliando o termo resistência como o empenho de civis de em combater, opor-se ou derrocar o governo se pode observar que, além das práticas de resistência em curso compõem parte da atividade revolucionária, as *ameaças híbridas*¹² reúnem uma grande variedade de estilos de luta que incluem competências consagradas, concepções e táticas irregulares, ações terroristas brutais e ameaça indiscriminada. A essência do problema ao se definir a organização e os seus meios determina o nível de bestialidade ao assentar o extremismo da guerra irregular com a capacidade militar convencional como se pode constatar nas lutas entre o Hezbolá e israelitas.

Ao tentar analisar os aspectos operacionais e táticos de uma empreitada da *guerra irregular*, há que se enfatizar o ambiente sócio-cultural onde a dimensão humana passa a constituir o proeminente fator de decisão. Aprender a lidar com as complexidades humanas e culturais, características dos conflitos irregulares atuais, constitui o aspecto fundamental que inclui, acima de tudo uma inesgotável paciência, impositivamente necessária as lideranças militares, para que consiga conviver emocionalmente com altos níveis de frustração, ira e ressentimento, tão comuns em situações dessa natureza.

O conhecimento cultural, fundamentado no conhecimento histórico dos costumes sociais e religiosos, dos valores e tradições, torna-se imperativo porque constitui um intenso multiplicador de energias, indo além do mero domínio de idiomas e muitas vezes substituem o conhecimento fisiográfico do terreno, transformando-se numa importante arma, considerando que atualmente os soldados são adestrados para adquirir o apoio da população que resulta no conhecimento, imprescindível em missões onde a habilidade na construção de laços de confiança proporciona uma proteção da força mais eficaz do que um colete blindado¹³.

Considerando a definição de *guerra irregular* como ações fora dos parâmetros convencionais sobressaem o emprego de forças erráticas ou indiretas via métodos não consagrados além do uso de elementos capazes de subverter, corroer e fatigar o antagonista ou torná-lo desprezível junto à população carcomendo a capacidade, a autoridade e a pretensão do opositor caracterizando, assim, na maioria das vezes, a

¹² As guerras híbridas podem ser levadas a cabo nos Estados com diversos atores não nativos com ou sem apoio do um Estado. Pode ocorrer também quando a nação-estado converte as formações regulares em combatentes irregulares.

¹³ A declaração de Ernesto “Che” Guevara enfatizava que “*Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás.*” se transformou num princípio básico, globalmente reconhecido, para “ganhar corações e mentes”.

luta política acautelada pelo controle político sobre e com a contribuição popular, geralmente em busca do fortalecimento de *vínculos partidários* notadamente agudo em períodos sediciosos levando esta autora a supor ser aquele um dos elementos constitutivos das *manifestações* locais.

Essas atuações multifacetadas em regra se realizam com unidades desconexas conduzidas e classificadas de forma operacional e tática no ambiente de combate principal a fim de conseguir resultados sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas do conflito (HOFFMAN, 2007) facultando ainda a execução individual de um associado do grupo irregular ou mero simpatizante.

A crescente violência internacional estimula a desmilitarização da guerra, tornando os objetivos civis e militares indistintos (no sentido em que os objetivos civis não se distinguem dos militares) e onde a brutalidade extrema é cometida contra não-combatentes em todas as esferas da vida social, muitas vezes utilizando crianças como combatentes e atingindo os extremos referidos por Clausewitz (1976, p. 75) ao fazer a distinção entre *rebelião*, no que se refere a determinados comportamentos, presentes no Brasil nas inúmeras rebeliões dos presídios, na guerra do tráfico e nas manifestações; e *revolução*, dirigida a um objetivo determinado une credo, vontade, decisão e ação na política e busca a mudança integral na ordem.

As guerras irregulares de hoje, estrutural ou temporariamente assimétricas, mais freqüentes do que no passado, são estrategicamente mais importantes por se desenvolverem em teatros de operações urbanos e em ambiente operacional de caráter subversivo¹⁴. Têm como pontos fortes a inovação, a surpresa e a imprevisibilidade, onde os fins abonam os meios, aplicando por vezes o terror que suprime o estatuto de neutralidade e a distinção civil e militar.

Restringindo o foco ao Brasil a História informa com precisão o perene descaso político com o povo evidenciado no fato das populações rurais que tangidas pela fome, pela pobreza e pelas guerras imigram para os grandes centros urbanos instalando-se de forma precária nas favelas e subúrbios cujo crescimento incontrolável favorece o surgimento das várias formas de grupos subversores que ajustam as suas táticas e estratégias.

¹⁴ Sem frentes, sem campanhas, sem bases, sem uniformes, sem respeito pelos limites territoriais, de objetivos fluidos, de combate próximo, com combatentes misturados à população (usada como escudo ou como moeda de troca). Na América Latina, no final da década de 1960, transpôs do campo para a cidade, gerando uma nova doutrina de guerrilha urbana.

O reconhecimento preciso de que o centro do poder (político, econômico e militar) está no empuxo caótico e pode e deve ser atacado na sua sede, desmoralizando e entorpecendo o Estado e estabelecendo um clima de inconstância e de insegurança.

Nesse cenário, a subversão passa a controlar espaços e instituir formas alternativas de poder, que beneficiam os seus seguidores com a prestação de apoios (MANWARING, 2005).

2.2.1 – O Silêncio Assimétrico: Ameaças Biológicas e Cibernéticas

Quando atualmente se associa a guerra às *novas ameaças transnacionais* urge esclarecer o entendimento de *novas ameaça* como reflexo das alterações políticas, econômicas e sociais embora nem sempre atenda com precisão o seu alcance além de não aceitar a inclusão das ameaças consideradas *não tradicionais* à Segurança como se pode observar nas Ameaças Biológicas (o caso da AIDS)¹⁵ e nas Ameaças Cibernéticas cujo atributo em comum se assenta no *silêncio*, na *invisibilidade* e na *devastação* originada por um elemento com o mesmo epíteto: *vírus*.

Nas Ameaças Biológicas as pandemias são em geral marcadas por um caráter distintivo e único na história da humanidade: a extensão da sua propagação, e na morte que transporta. A progressão é ininterrupta, global, não elege raça nem credo, nem clima nem distância, nem classe social. Seu poder de extermínio se estende a todos afetando o Estado ao corroer as bases da sociedade ao devastar postos de trabalho ocupados pelos membros mais produtivos (que dificilmente serão substituídos) atingindo a área econômica e social.

Nas Operações de Paz os Comandos em países com alto índice de infecções viróticas certamente são alvo constante de preocupação com o resguardo das tropas a fim de precaver a desestabilização interna que possa favorecer algum ataque externo, considerando-se que as epidemias sempre foram utilizadas como uma importante arma de guerra, vale lembrar que a combinação de raptos¹⁶ e dos genocídios sempre esteve presente em muitos conflitos e pode corresponder a uma

¹⁵ A pandemia não é uma ameaça na concepção clássica, estruturalmente identificável num produto de uma capacidade por uma intenção, não percebida como um risco, não ameaça e entendida como ação não intencional e eventualmente sem caráter agressivo. Considerada como uma pandemia global a HIV/AIDS já causou mais baixas do que qualquer conflito armado ocorrido no século findo, incluindo qualquer uma das Grandes Guerras

¹⁶ Deve-se ficar atento a distinção entre rapto (fins sexuais) e seqüestro (privação da liberdade com exigência de resgate).

prática de genocídio ao apresentar intencionalidade na passagem do vírus para a população¹⁷.

Resta acrescentar que os conflitos armados provocam grandes levas de refugiados que habitam em campos onde, normalmente, a miséria é grande e os cuidados profiláticos praticamente inexistem.

Nas Ameaças Cibernéticas as diversas redes nomeadas *terroristas* buscam destruição ou ruína de países que detêm ou participam do sistema econômico tecnológico dominante. Procuram impor seus objetivos através do sistema cibernético que independe de forças numerosas e localizáveis abrangendo desde o ataque individual até as carnificinas, atingindo a intrincada infra-estrutura material do dia-a-dia, e esvaziando conteúdos imateriais da cultura, rearticulando-se constantemente alimentado pelo extremismo e pela desesperança social (CASTELLS, 2014).

O terrorismo *cibernético* se diferencia do *presencial* quando além de minimizar o número de seus militantes dispensa a mobilidade e suas táticas costumeiras (*Infiltração, reunião, ação e dispersão*) graças a difícil localização fornecida pela invisibilidade o que não significa sempre dispensar elementos presenciais e reações violentas que podem incluir também o uso de armas químicas e bacteriológicas.

Por certo a guerra contra o *terrorismo cibernético* regida pela coligação de Estados e suas Forças Armadas baseadas em alianças e interesses impõem aos governos sustentar a vinculação de sua fidelidade à rede de defesa conjunta e as diversas suscetibilidades das variáveis culturais o que no Brasil, anteriormente, repousava na Diplomacia.

O certo é que a curto e médio prazo o mundo estará em guerra contra o terrorismo ponderando a amalgamação – presencial e cibernética - subentendida na evolução de sua prática.

III - SEGURANÇA E AMEAÇAS TRANSNACIONAIS

Diante da variedade de considerações sobre o assunto a prudência leva a acatar a definição de *ameaça transnacional* do relatório das Nações Unidas, *A More*

¹⁷ Prática utilizada nos Estados Unidos no extermínio de índios através de cobertores infectados pelo vírus do Sarampo. No Brasil práticas similares foram analisadas por Darcy Ribeiro em seu trabalho *Índios e a Civilização* e provavelmente são utilizadas até os dias de hoje..

Secure World: Our Shared Responsibility, que acolhe uma concepção ampla de ameaça, considerando:

“Qualquer acontecimento ou processo que conduza a mortes em larga escala ou diminua as condições de vida e ponha em causa o papel do Estado como a unidade básica do sistema internacional é uma ameaça à segurança nacional [...]” (NAÇÕES UNIDAS, 2004).

Nesta ordem de conceitos se pode avaliar como ameaças relacionadas à atual instabilidade o enfraquecimento dos Estados, o crime organizado transnacional, o terrorismo transnacional e as pandemias.

O crime organizado com objetivos de lucro bem determinados e alto planejamento estratégico e de comando de conflitos armados, reprimindo um inimigo ou uma rede de inimigos, apóiam-se muitas vezes nas mais modernas tecnologias desenvolvendo atividades e criando um ambiente subversivo, embora não vise à tomada prática do poder (METZ, 2000).

Entre as várias atividades do crime organizado transnacional o tráfico de entorpecentes avulta como uma das mais lucrativas e as verbas geradas adquirem um nível de poder que muitas vezes concorre com o dos Estados onde operam tentando conquistar indiretamente o poder político pela corrupção dos seus órgãos de soberania através dos funcionários.

Associados aos conflitos armados nascidos no contexto da globalização, têm uma dimensão econômica tanto na origem como nas conseqüências para além das fronteiras envolvendo regiões, combinando numa rede econômica informal o contrabando, a fraude e o roubo, o comércio de seres humanos, de armas e, os tributos de imigrantes e as *contribuições* a propósito de assistência humanitária. Vivem da insegurança da guerra, e precisam da continuidade do conflito.

Muitas organizações revolucionárias se afastaram da vertente ideológica do conflito e criminalizaram as suas atividades, transformando-se em *narco-guerrilhas*. Essa criminalização pode também alcançar as forças regulares quando estas se deixam corromper pelo enriquecimento pessoal (*narco-corrupção*), ou utiliza os fundos para financiar as suas atividades, prolongando os conflitos, uma vez que a eliminação das narco-guerrilhas geraria também a supressão de uma fonte de rendimentos dos poderes instituídos (LABROUSSE, 1996).

3.1 – Fragilização do Estado

Tradicionalmente compete ao Estado, como o território garantir a segurança, a justiça e o bem-estar social. Para tal, o Estado é soberano na ordem interna e autônomo na ordem externa para, deliberar por si mesmo como enfrentar os problemas internos e externos, incluindo se quer ou não buscar o auxílio de outros e, ao fazê-lo, restringir a sua liberdade.

Quando não conseguem exercer a sua atividade plena em toda a extensão do território ou são incapazes de garantir os serviços básicos à população são considerados como ilegítimos e associados à definição de *Estado Fraco* dando margem para a eclosão de conflitos.

O exame das condições oferecidas pela atmosfera de revolta, as perspectivas histórica e política, as origens econômicas e sócio-culturais das manifestações e protestos, fornecem meios de compreender o contexto a fim de se estabelecer o discernimento sobre o alcance de vulnerabilidade do Estado através do grau de desvinculação dos conceitos tradicionais.

A constatação de ainda não ter alcançado a maturidade da atualização indica estar atravessando uma *transição* – similar à adolescência - e ostentando terreno fértil para revoltas e rebeliões derivados do primeiro desequilíbrio na estrutura sociocultural: a economia (WESLEY, 2013).

As práticas sorradeiras modeladas no promissor terreno dos tempos de crise política, econômica ou social, surpreende, enganam e ampliam-se assustadoramente pela ausência de conhecimento. Envolve a todos num vendaval de ambigüidades diante de conceitos políticos e sociais cultivados como imperialismo, capitalismo, nacionalismo, racismo, religião, militares, entre outros.

O boicote ao autêntico conhecimento incitado em grande parte pelos meios de comunicação, estimulando o analfabetismo funcional, apresenta a sua face mais cruel ao fixar uma sociedade em total desequilíbrio e antidemocrática. A artificialidade administrativa geradora da instabilidade do sistema revestida pela contrafação no governo funciona como pilar para a ruína que se avizinha diante insatisfação da população, transbordada em manifestações e protestos, com as condições existentes na nação. É sinal de alarme. E exige o uso do conhecimento cultural como arma e não apenas exposições enfadonhas de promoções de eventos.

3.1.1 - A civilização e as empresas militares

Os conflitos decorrentes da fragilização do Estado resultam no surgimento a granel de considerações sobre um novo paradigma que nasce com a proposta de alteração significativa na estrutura das Forças Armadas e demais Forças de Segurança através da *civilização*, via modernas empresas militares privadas.

Entretanto o crescimento dessas empresas e a diversificação dos serviços prestados carecem de regulamentação internacional específica, embora não se possa considerar que haja um vazio legal diante de uma legislação nacional e internacional que, direta ou indiretamente auxilie esta atividade, apesar do temor que estas modalidades de empresas, visando o lucro, ignorem “[...] a natureza complexa dos interesses nacionais e aceitem participar num jogo em que a sua posição, sem ser claramente oposta aos interesses do seu país, também não possa considerar-se favorável” (VAZ, 2005), permanecendo portanto o risco concreto de haver um poder militar armado exterior à legitimidade do Estado.

Este novo e intrincado fato ainda necessita de regulamentação, inspeção e acompanhamento, especialmente de setores ligados a área de Segurança e Defesa.

3.1.2 - O Terrorismo Transnacional

Diferenciado do *terrorismo tradicional* localizado e estabelecido nos países , com estrutura fixa e hierarquicamente instituída, centrado na autodeterminação, com motivação política e ideológica¹⁸, cujas ações eram assumidas de imediato e os alvos claramente identificados (políticos e militares) no *terrorismo contemporâneo recente* o potencial de violência e habilidade organizacional foi ampliado, procurando forçar uma conduta repressiva comprometedora, expondo a constrangedora ineficácia da prevenção através da ressonância publicitária junto à opinião pública, bem como os efeitos psicológicos causados nos alvos (MONTEIRO, 2002). Apresenta-se global, radical religioso, imperialista teocrático, com estrutura móvel e *indefinida* (organizado em redes). Inseriu o atentado suicida com explosivos improvisados de grande poder de destruição, além de armas portáteis, uso de armamento coletivo de grande potência (inclusive mísseis e foguetes), ameaça de agentes nucleares, biológicos e químicos, cujos efeitos físicos indiscriminados que embasa, o quanto maior a destruição, melhor.

¹⁸ Geralmente com orientação marxista-leninista, a exemplo do ETA País Basco, IRA Irlanda, Frente de Libertação da Palestina, Baader-Meinhof alemão, Brigadas Vermelhas Italianas, etc.

A proliferação de organizações procede de diferentes grupos (étnicos, seitas religiosas etc.) e suas ações inesperadas operam de forma totalmente indistintas, como inimigos invisíveis.

Calcular com lógica, enfrentar fanáticos que têm em vista criar o maior terror possível, usando como arma a própria morte e aspiram atingir o paraíso, matando em nome de Deus, constituem o perfil da maior parte dos terroristas atuais que lançam mão da internet como meio de recrutamento e adestramento de novos elementos, de captação de fundos e recursos outros, para de divulgação e reivindicação das ações e de comunicação, acessível e com o anonimato garantido, apesar da intensa vigilância a que esta rede pode estar sujeita.

O terrorismo transnacional tem finalidades, objetivos, recrutamento e aparelhamento globais, podendo ser considerada atividade subversiva global, sem preocupação com a opinião pública.

3.1.3- A Atuação das Forças e a Transformação Militar em Andamento

As guerras típicas das sociedades de terceira vaga têm por base as forças da RAM (Revolução em Assuntos Militares) e estão ligadas sobretudo aos grandes poderes. Porém, as forças da RAM na sua formulação mais profunda estão associadas exclusivamente às capacidades do poder militar dos Estados Unidos.

As transformações das forças militares iniciado de modo mais visível a partir de 1990 estão ligadas sobretudo aos grandes centros de poder. Na sua expressão mais profunda estão associadas exclusivamente às capacidades do poder militar dos Estados Unidos e suas principais características impõem seu estudo nos países semi-desenvolvidos para que se possa melhor equacionar a maneira pela qual devem eles efetivamente participar do Pós Modernismo Militar (CÔRTEZ, 2000).

As novas tecnologias e a digitalização das unidades passaram a definir novos preceitos estratégicos, táticas e aparelhamentos, inclinando-se a robotização do TO de forma progressiva na medida em que diante de uma irrefutável superioridade tecnológica com operações baseadas nos efeitos, as baixas tendem a ser zero e objetivo deixa de ser destruir para imobilizar, controlar, alterar e moldar o comportamento cunhando um ambiente com danos controlados.

Na RAM a alta utilização da guerra de informação que ocorre no ciberespaço tem por fundamento o acesso, o controle e o atinente processamento com o objetivo

de obter a sua transformação em conhecimento para posteriormente partilhá-lo em tempo útil e fornecendo meios capazes de influir no meio social.

A disseminação de falsas realidades pelos atuais *guerreiros*¹⁹ da informação busca induzir movimentos, em prol de determinados interesses, criando uma realidade ilusória (contrária aos imperativos estratégicos da realidade efetiva) e auxiliados por grande parte da mídia tentam regular as várias percepções que a população tem da situação configurando a existência de uma realidade percebida ou construída que difere da realidade concreta.

O uso cibernético nos meios e sistemas de comunicações leva o *espaço* a ser considerado como a quarta dimensão da guerra instituindo uma nova forma de dissuasão e conceito geopolítico diante das constantes ocorrências de *ciberataques* e onde a *civilização* desempenhada na ação conjunta das Forças Armadas com as comunidades políticas embora essa interpenetração não condiga com o estímulo e a decodificação de privatização da atividade militar visto que tal procedimento implicaria na fragilização da Defesa e Soberania objetivo cobiçado e indicado pelos grandes centros hegemônicos.

3.2 – Infortúnios Diplomáticos

Dentre todas as revoluções que ocorreram no século XX, nenhuma teve um impacto mais duradouro na história da humanidade do que a atual revolução nos meios de informação e na tecnologia da comunicação. E como em todas as instituições o mesmo sucede com a Diplomacia.

Apesar do alardeado veloz desaparecimento das fronteiras que lindam os povos em aglomerados geográficos, políticos, sociais, econômicos e culturais, e das novas tecnologias ignorarem a soberania das fronteiras nacionais através do *passaporte virtual* (computador pessoal) o mundo segue em guerras sangrentas pela demarcação de territórios nada virtuais (Israel e Palestina, Rússia e Ucrânia) e pelo retorno ou manutenção de crenças e costumes milenares (ablação, homossexualismo, prostituição) que buscam se adequar à cibernética assinalando que a propalada *crise* configura a acomodação ínsita das transformações intrínsecas ao processo histórico evolutivo o que não significa apagar valores culturais. A humanidade não existe com o vazio de seus valores e reage violentamente e de

¹⁹ Para fazer frente às eleições foi criada em Brasília a Tropa cibernética.

forma sanguinolenta²⁰, como ocorre agora, a toda e qualquer tentativa de imposição de uma homogeneidade nas suas estruturas basilares.

Entretanto, em que pese às colocações, que seguem referenciadas, sobre a extrema importância da ligação entre as Forças Armadas e a Diplomacia:

“[...] Não obstante, as características do Pós-Modernismo Militar, especialmente na forma pela qual os países tecnificados o entendem e praticam, requerem um entrosamento ainda mais amplo e mais profundo entre militares e diplomatas. Como vários acontecimentos recentes demonstraram, atualmente não se pode cogitar de operações combinadas sem a participação do serviço diplomático em todas as suas etapas, desde o planejamento, passando pela implementação e se mantendo após o desenlace das ações empreendidas.” (CÔRTEZ,2000, p..20).

A deterioração do Itamaraty e da carreira diplomática nos últimos 30 anos - que germinou na *diplomacia presidencial* - realiza e institucionaliza a servidão apropriada para afiançar uma diplomacia partidária, as regalias e contas no exterior e regem a ruína moral que tem em Cochabamba, Camberra e Toronto a baliza do descaimento ético²¹.

A informação e a comunicação avaliadas como atividades básicas dos diplomatas têm como desafio, como todas as demais instituições na era cibernética, operar com maior eficiência no mundo em célere transformação o que vem sendo tolhido no MRE graças aos recentes cortes que deixam o Itamaraty vulnerável a invasões e franqueiam invasão de hackers e aniquilam a confiabilidade nas comunicações da Casa²².

A redução em 12 anos da Casa de Rio Branco a lar de *anões diplomáticos*, conforme a expressão usada pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel para definir o papel do Brasil nos acordos internacionais, sintetiza, com fidelidade a situação do Itamaraty (DIÁRIO DO PODER, 2014).

Aparelhado e esvaziado de suas funções originais, o Itamaraty vive provavelmente o pior período de toda a sua história. Acuado a aceitar nortes ideológicos partidários o Ministério das Relações Exteriores, outrora fonte de altivez, segue sendo humilhado colecionando um incessante inventário de desvarios, fiel a

²⁰ Para esta autora as atuais guerras e conflitos reforçam o fato do não desaparecimento total dos conflitos no conceito tradicional.

²¹ Atraso de salários, sem reajuste há anos, esvaziamento do processo contra o embaixador Américo Fontenelle, acusado de assédio moral, sexual e homofobia contra contratados no consulado em Sidney (Austrália).

²² A falta de investimentos e dos constantes cortes de recursos ordenados pelo Governo forçou Embaixadas e Consulados a trocar informações de Estado, reservadas, por meio de Gmail, Hotmail ou Yahoo, considerados mais confiáveis. O descaso governamental com os Diplomatas cortando-lhes as verbas (como se aspirasse eliminar o Itamaraty por inanição) e o receio de represálias faz com que os números da quebradeira, na área de tecnologia, sejam tratados como *segredo* de Estado, avisando, quando questionado, que só obrigado pela Lei de Acesso à Informação dirá os valores destinados ou retirados da sua área de tecnologia.

uma espécie de solidariedade ideológica ofuscada por aversões visivelmente ilegítimas

A indiferença do atual governo às violações de direitos humanos em Cuba e na Venezuela e a arriscada política externa acarretam graves repercussão internas: no CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados, órgão presidido pelo Ministério da Justiça), onde os apelos de refúgio político de dezenas de bolivianos estão engavetados.

Os recentes caminhos da Diplomacia Brasileira abertos pelo *nosso guia*²³, resumem, literalmente, os desatinos professados que transtornaram o renome secular persistindo nessa sandice ao censurar o massacre de civis na Palestina pelas forças de Israel (o que é correto), mas o ocultando fato de o Hamas utilizar a população como escudo humano para lançar foguetes contra o Estado Judeu. Ao eleger, um dos lados do conflito, passou a compor parte do problema perdendo mais uma vez a oportunidade de protagonizar papel mais relevante e válido na busca da paz naquela região.

Em qualquer Nação do mundo existem somente duas carreiras verdadeiramente de Estado: as Forças Armadas e o Ministério do Exterior. Logo, servem ao Estado e *não a governos* (passageiros e transitórios). A manutenção e a segurança do governo no Poder ocorrem sempre mediante não só do apoio, mas igualmente da integral lealdade destas instituições, já que em situação de crise, serão estas instituições que irão realmente assegurar a manutenção do governo e garantir seus interesses dentro e fora do País²⁴.

A fragilização destas instituições pela distorcida visão estratégica do governo empenhado em desvalorizar suas Forças Armadas e desprezar sua Diplomacia, ignora o passado e envilece o porvir, já que em situação de caos serão as Forças Armadas que protegerão os interesses do Estado irão assegurar a garantia da lei e da ordem, como a última linha de defesa do Estado. E se falharem nada mais

²³ Declaração criada por Celso Amorim em referência ao então presidente Lula.

²⁴ Passando ao largo do culto mítico dispensado ao Barão do Rio Branco que há na Diplomacia Brasileira não há como negar ser seu o valor como historiador, negociador, diplomata e ministro. Como ministro, era um realista e não um ideólogo, colocando o interesse nacional com perspicaz argúcia acima dos partidos e das lutas políticas da sua época, foi o responsável pela consolidação do território brasileiro, conquistando em vida a aura de herói nacional. É um caso único, de um diplomata que surge como referência para a construção da nação, um *fundador* da nacionalidade deslocado no tempo. Ao morrer, o Brasil já contava com quase noventa anos de vida independente. Já havia sido governado por imperadores, regentes e presidentes. Mesmo assim, passou a disputar espaço importante na memória e no imaginário como um dos formadores da nação brasileira e do processo de construção da identidade brasileira.

restará para a sociedade senão uma total carnificina em uma prolongada guerra civil.

A História Nacional atesta que nenhum governo se sustentou no Poder quando seguiu posturas revolucionárias e adversas às tradições culturais e costumes nacionais e se afastou das suas Forças Armadas e sua Diplomacia, fundamentais em momentos de crises.

Mesmo com todas as transformações advindas com o ímpeto cibernético as Forças Armadas são a única instituição presente em todo o território nacional, nos pontos mais remotos do País e para além das fronteiras físicas através das suas missões de Paz, o que lhes permitiu uma incomensurável capilaridade nacional e uma ampla contribuição nas relações externas abrandando os desacertos diplomáticos.

Além de estar presente e disseminada ao longo do território nacional, possivelmente é a única instituição a preservar um comportamento profissional harmônico, resguardando a idoneidade em assegurar os reais e legítimos interesses do Estado, o que certamente desagrade na América Latina, e, no Brasil em particular, o anticapitalismo radical dos titulados intelectuais, incapazes de renovar conceitos e acolher as realidades da economia mundial, presos a grilhões mentais, apesar dos alertas contrários a essas posturas e já manifestos no declínio econômico e no anacronismo político, constituindo-se historicamente em um dos principais empecilhos à modernização econômica e social dos países cuja trajetória declinante, com exceção do Chile (bem sucedido nas reformas políticas e econômicas de liberalização) os países latino-americanos apresentam resultados bufos²⁵. O dilema sul-americano ratificado no encontro entre populismo e democracia tende a esfacelar as sociedades em porções irreconciliáveis e o Brasil submerge na sua cruzada pela liderança regional.

Após quase vinte anos da falência da União Soviética, as transformações ocorridas parecem delinear uma ordem internacional baseada na supremacia das democracias de mercado, o que embora favoreça o liberalismo pode gerar uma valorização do progresso social e econômico como metas universais em detrimento de orientações puramente ideológicas, o que admite considerar como retrógradas as

²⁵ A estagnação uruguaia, a orientação nortista do Peru, a peculiaridade colombiana (crescimento econômico e crise política interna), a constante instabilidade do Equador, a decadência política e social da Venezuela, a Bolívia margeando a desintegração, o Paraguai como um precursor de Estado fracassado e Guiana e Suriname como portas de entrada dos ilícitos transnacionais..

demandas e reivindicações de ativista, de causas obsoletas, cujos lemas são extraídos de um mundo desaparecido nas curvas da história (a exemplo dos conceitos de *dependência* ou de *anti-imperialismo*), que persistem na defesa de razões defasadas e que podem ser consideradas reacionárias, em vista os desmesurados problemas acumulados nos países da região, vinculadas as perspectivas de emprego, renda e oportunidades de ascensão social de populações excluídas de qualquer possibilidade de inserção produtiva na tessitura social.

O agudo senso de anti-capitalismo da grande maioria dos acadêmicos, os torna cúmplices das truculências empreendidas no século passado contra os direitos humanos e a democracia.

A insistência nas envelhecidas soluções estatizantes, na reprodução dos erros do passado, na tendência a descobrir culpados no estrangeiro e a nutrir teorias conspiratórias sobre as razões do fracasso são abissais, mas não superam a decepção frustrante de ainda predominarem nos comentários simplistas, e comumente equivocados sobre as razões dos problemas (a maioria de origem interna) e as soluções pertinentes.

Não constitui surpresa, assim, se a cada classificação internacional de performance (no crescimento, na educação, na competitividade, na tecnologia e em vários outros setores) a América Latina continue a ser ultrapassada por todas as demais regiões, até mesmo pela África (melhor colocada nas taxas atuais de crescimento econômico). A julgar por certas *inovações* populistas e necrófilas recentes na América Latina, a escolha parece ser por mais Estado, mais nacionalizações, menor atratividade do capital estrangeiro e, de forma não surpreendente, uma opção preferencial pelas soluções distributivistas e rentistas.

A complexa mas indispensável inserção no sistema internacional das democracias de mercado, não se apresenta promissora, mas, em face dos desafios remanescentes, a análise racional que descarte a assustadora ausência de espírito crítico (liberta das lutas políticas e das ideologias em competição no meio acadêmico) visando à sintonia com as necessidades do tempo presente parece ser o único caminho.

Embora a exibição externa nos últimos anos já sugerisse que o Brasil tinha potencial admirável para ser influente em qualquer questão na América Latina isso não anula o a convicção de que a relação bilateral mais relevante é com os EUA (a despeito das recentes oportunidades perdidas), nem elimina a necessidade de

avivar a aproximação com outros países, muito menos deixar de lado a defesa dos interesses nacionais maiores e o respeito mútuo que deveria dar o tom do relacionamento entre os dois países.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consternação institucional que se abate sobre o Brasil, sob o bastão da ingovernabilidade atual, e a perplexidade pela inexistência de uma reação nacionalista séria que deveria estar sendo conduzida pelos partidos ditos de oposição geram o silêncio e a inércia do povo que se vê logrado, esbulhado e sem defesa configurando perigosamente a descrença como uma das etapas cruciais rumo à guerra civil.

O esforço de síntese aqui realizado para uma reflexão que esclareça as expectativas de um possível futuro da Guerra evidenciou que a organização do Estado Nação, planejada e desenvolvida para garantir a soberania territorial - apartando os de dentro dos de fora - foi pega desprevenida pela rede do satélite e adicionada as sucessivas truculências terroristas infligem às instituições de lei e de ordem regidas pelo Estado um novo estágio conexo a dificuldade em debelar os novos riscos que acometem de maneira pertinaz as categorias e distinções ortodoxas consagradas consideradas seguras.

As incertezas reservadas pelo futuro demonstram que a guerra continuará a ser uma questão de poder e se seguirá assistindo a guerras geradas pela alteração de relações de forças entre atores não estatais e os Estados onde as Forças Armadas mesmo contando com a alta tecnologia e um abundante uso do espaço como a quarta dimensão da guerra não dispensará o uso de tropas tendo em vista a diversidade dos cenários e dos homens.

As mudanças no contexto estratégico-internacional decorrentes de pressões globalizantes definem implicações sociais, políticas e econômicas difundidas pela Informação, levando a alteração do modo da Guerra para um cenário diferente do registro histórico costumeiro cuja complexidade e incertezas das ameaças futuras determinam uma nova forma de pensar, de planejar e de agir. Ao invés de impor ações desarmônicas a nível tático, a atenção ocorrerá na percepção de resultados que potencializem os objetivos estratégicos da missão abandonando o conceito centrado na destruição de alvos e destacando o arranjo das organizações envolvidas a fim de obter o final almejado, empregando menos forças e menores

baixas com efeitos colaterais diminuídos e onde o emprego de força militar avassalador deverá ser gradativamente substituído por intervenções cirúrgicas que restabeleçam a ordem e a paz.

Porém, é essencial observar que não basta estabelecer estratégias sem dispor dos meios necessários à sua prática pois retórica não combina com a velocidade das transformações sociais e tecnológicas recentes e em perene evolução.

No limiar do século XXI as Forças Armadas brasileiras parece ser a única instituição a superar a encruzilhada imposta pelas transformações (conhecida como de *crise de identidade*) apesar das inúmeras tentativas em reduzi-las a meras milícias, com propósitos menores, não-nacionais, como a do combate ao narcotráfico, mantendo-as como forças inexpressivas, mas em ação, por entendê-las politicamente importantes para acobertar, com o apanágio internacional, as intervenções que fizerem nos países que saírem da linha²⁶. Mas o registro que se tem é o de resistência nas Forças Armadas não só brasileiras, mas também nas argentinas, à anuência desse papel pusilânime (WESLEY, 2014).

Não é difícil reconhecer sinais de decadência, de retrocesso, ou mesmo de estagnação, na vida do país: baixo crescimento econômico, inovação declinante, dívidas crescendo, desigualdades persistentes ou em expansão, população em processo de envelhecimento, comportamentos diferentes ou considerados anti-sociais. Provavelmente as instituições nacionais estão arcando com o processo de transformação contínua, visível no seu funcionamento através do nítido acuoamento na sua habilidade de organizar a vida do país.

As instituições que atravessam certo declínio (o governo representativo, os mercados livres, o Estado de direito e a própria sociedade civil) são as instituições basilares que constroem a prosperidade e o bem-estar da nação e que podem agora marchar para um roteiro de estagnação ou até mesmo de anacronismo.

Avaliando o atual retrocesso institucional um dos mais profundos da história republicana, vão além do baixo crescimento e da perda de dinamismo da economia nacional. Está incrustados em fatores político-partidários alimentados e reforçados pelo governo no poder.

²⁶ Com esse propósito declarado, os Estados Unidos já registram vitórias significativas, não só no Panamá, como vimos, mas no México e na Colômbia

O Brasil tem, certamente, muitas outras causas que explicam sua atual decadência institucional e seu renitente retrocesso econômico, que deverão ser examinadas com maior ou menor grau de detalhe compromissadas com uma análise empiricamente embasada, em busca de soluções factíveis, ao largo de utopias, requerendo uma irrenunciável atitude de independência em relação a quaisquer forças ou movimentos voltados para a luta político-partidária e a conquista do poder, e, em face à brutal franqueza necessária não pode estar atrelada a nenhuma liderança política, unicamente voltada para o estudo e a compreensão dos problemas brasileiros e a aplicação das soluções mais racionais, do ponto de vista da eficiência econômica e da justiça social, para os desafios identificados. Não se pode ter a ilusão de que quaisquer propostas venham a ser implementadas, não por serem utópicas, mas porque o Brasil carece de estadistas que possam liderar um processo de reformas necessárias e até indispensável à inversão da trajetória atual de declínio e de anacronismo.

O desolador cenário retratado na pasmaceira que vaza em questões menores partidárias e comportamentais (preferência sexual dos mandatários, inclinações éticas, humor sem sentido e obsceno, etc.) advém das origens coloniais e incidem até mesmo nas classes ditas *intelectuais* ou mais esclarecidas e não pode ser imputado a este ou aquele indivíduo. É característica do brasileiro sempre buscar facilidades. A tristeza maior consiste em reconhecer que nesses 12 anos o brasileiro se fez representar, mostrou sua índole, seu comportamento e sua *civilidade* através das eleições dos recentes governantes, punindo aqueles que fogem desse padrão²⁷.

Os dados aqui lançados desenham um cenário altamente incerto em seus desdobramentos eleitorais e obviamente o roteiro de navegação ainda esta sendo traçado. Só resta mergulhar no trabalho.

É vital acreditar que as recentes decepções e a amargura provoquem alguma alteração que conduza ao amadurecimento e conscientização, muito embora algum resultado positivo só surgirá a longo prazo. Décadas foram perdidas.

A indignação e a perplexidade das potências ocidentais com a leviandade da política externa brasileira podem ser elucidadas pelo vazio do pensamento estratégico que comanda as relações exteriores ocupado pelo improvisado ou ajustado aos interesses ideológicos partidários que desconsideram a respeitável trajetória do

²⁷ Muitos foram - e ainda são - massacrados, esvaziados e até perseguidos. Afinal, existem várias formas de perseguição e tortura e, no entendimento desta autora, a ideológica é a maior e mais letal. Os resultados estão aí, no cotidiano de uma sociedade sem rumo.

Itamaraty e os interesses da sociedade, que se recusa a ver o Brasil transformado num pária internacional, alinhando-se com o que há de pior no cenário global.

Todavia deve se reconhecer que o mundo, o capitalismo, os especuladores internacionais, têm pouco a ver com esse momento sombrio da História do Brasil. Ele foi inteiramente construído pelos recentes governos (eleitos pelo povo) e a responsabilidade de tudo o que ocorreu tinha de advir porque estavam no comando e manobraram as alavancas das políticas econômicas e sociais nesse exato sentido. E a História, certamente, não nos absolverá.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2008. 239p.
- BONIFACE, Pascal – *Guerras do Amanhã*. Lisboa: Editorial Inquérito, 2002, p. 122.
- CLAUSEWITZ, Carl Von – *Da Guerra*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1976, p. 75.
- CASTELLS, Manuel. *A Guerra das Redes*.
http://www.ime.usp.br/~is/ddt/mac339/projetos/2001/michel/manuel_castells.htm .
Acessado em 01/08/2014
- CÔRTEZ, Marcos Henrique Camillo. *A Defesa Nacional Diante do Pós-Modernismo Militar*. I Seminário sobre Defesa Nacional. ECEME/CPEAEx. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2000.
- DIÁRIO DO PODER, *Dilma tenta se descolar de 'Top-Top' no caso Israel - ELA QUER EVITAR LIGAÇÃO A MARCO AURÉLIO GARCIA APÓS VEXAME COM ISRAEL*. <http://www.diariodopoder.com.br> - Publicado: 30 de julho de 2014. Acessado em 30/07/2014.
- GONÇALVES, Chaves, [et al.] – Parâmetros para uma nova Política Militar capaz de fazer face aos novos riscos e ameaças: intervenção de Portugal. In *Nação e Defesa*. N.º Extra Série. 2002, p. 928.
- HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Institute for Policy Studies. Arlington, 2007.
- MACKINLAY, John – *Globalisation and Insurgency*. Adelphi Paper 352. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 44-79.
- MANWARIN, Max – *Street Gangs: The New Urban Insurgency*. Carlisle: US Army War College, 2005, p. 29.
- METZ, Steven – *Armed Conflict in the 21st Century: The Information Revolution and Post-Modern Warfare*. Carlisle: US Army War College, 2000, pp. 56 e 57;
- MONTEIRO, Amaro. *Sobre a distinção entre guerrilha e terrorismo*. Comunicação apresentada no âmbito do seminário **Terrorismo: O Combate Nacional e Transnacional**, realizado no Convento da Arrábida, 4 e 5 de Julho de 2002.
- NAÇÕES UNIDAS – *A More Secure World: Our Shared Responsibility – Report of the High-level Panel on Threats, Challenges and Change*, 2004, p. 12.
<http://www.un.org/Pubs/chronicle/2004/issue4/0404p77.html>.
- TELO, António – «Reflexões sobre a revolução militar em curso». In *Nação e Defesa*. Vol. 103, 2.ª série, Outono-Inverno de 2002, pp. 211-249.
- TZU, Sun – *A arte da guerra*. 4ª ed. Mem Martins: Europa América, 2002.
- VAZ, Mira. *As empresas militares privadas vieram para ficar?*. In *Revista Militar*. Lisboa. Agosto/Setembro de 2005, pp. 819-833.

- WEBER, M. Rejeições religiosas do Mundo: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 371-410
- WESLEY, Maria Helena de Amorim. *Forças Armadas: transição e conflitos nas operações de pacificação frente a cibernética*. XIII Ciclo de Estudos Estratégicos. ECEME, 03 a 05 de junho. Rio de Janeiro. 2014.
(<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>).
- _____. CIBERNÉTICA E CULTURA: TRANSIÇÃO E CONFLITOS NA SEGURANÇA E NA SOBERANIA. Trabalho apresentado no III Congresso de Ciências Militares – ECEME em 15 de agosto de 2013.
(<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>).
- _____. *Fronteiras transnacionais, territórios cibernéticos e os impactos na Cultura e na Soberania Nacional*. SEMINÁRIO SOBERANIA NACIONAL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - NATUREZA DAS FRONTEIRAS: INSTITUCIONAL E EXTRA-LIMITES, ABD (Academia Brasileira de Defesa), 22/10/2011. Rio de Janeiro. Disponível em TEXTOS BRASILEIROS
(<http://www.brasilbrasileiro.pro.br>).